

# A FORÇA DOS LENTOS E OS RESÍDUOS IRREDUTÍVEIS: APROXIMAÇÕES INICIAIS ACERCA DO COTIDIANO E DE DIFERENTES RITMOS ESPAÇO-TEMPORAIS NA ZONA PORTUÁRIA DO RIO DE JANEIRO

Alexandro Souza de Amico <sup>1</sup>  
Alvaro Henrique de Souza Ferreira <sup>2</sup>

## RESUMO

Esse artigo tem como objetivo analisar a chegada de ritmos espaço-temporais mais “rápidos” (ligados à racionalidade capitalista) na Zona portuária do Rio de Janeiro, o seu choque com ritmos espaço-temporais mais “lentos” e as resistências populares à fragmentação do espaço realizadas através de intervenções artísticas e culturais. A conjuntura desse fenômeno, majoritariamente, tem início no ano de 2009, quando o Porto Carioca deu o pontapé inicial em um grande processo de reestruturação de seu arranjo espacial. Nesse sentido, observamos que o cotidiano local vem sendo invadido por tempos “mais rápidos”. Contudo, com a chamada “duplicidade” da vida cotidiana, compreendemos que muita luta vem sendo realizada para preservar tempos “mais lentos”. No caso de nossa presente análise, nos interessamos mais por aquelas lutas travadas a partir do campo da arte e da cultura popular. Para que isso possa ser realizado, lançamos mão das discussões teórico-metodológicas de autores(as) como Henri Lefebvre, Milton Santos, Ana Fani Alessandri Carlos, José de Souza Martins, Agnes Heller, Odette Seabra etc. Como trilha metodológica, além de uma revisão bibliográfica, nos valem do levantamento de coletivos artísticos e culturais que atuam em prol da transformação social através da arte na área em debate e de entrevistas com residentes locais. Por fim, vale ressaltar o potencial encontrado tanto na realidade quanto na teoria, no sentido de uma revolução urbana que tenha na arte, na cultura e nos “homens lentos” uma grande base de apoio.

**Palavras-chave:** Cultura, território, Porto Maravilha, resíduos, ritmos.

## ABSTRACT

This article aims to analyze the arrival of “faster” spatio-temporal rhythms (linked to capitalist rationality) in the port area of Rio de Janeiro, their clash with “slower” spatio-temporal rhythms and popular resistance to the fragmentation of the space carried out through artistic and cultural interventions. The situation of this phenomenon, for the most part, began in 2009, when Porto Carioca began a major process of restructuring its spatial arrangement. In this sense, we observe that local daily life has been invaded by “faster” times. However, with the so-called “duplicity” of everyday life, we understand that a lot of struggle has been carried out to preserve “slower” times. In the case of our present analysis, we are more interested in those struggles fought in the field of art and popular culture. In order to do this, we used the theoretical and methodological discussions of authors such as Henri Lefebvre, Milton Santos, Ana Fani Alessandri Carlos, José de Souza Martins, Agnes Heller, Odette Seabra etc. As a methodological approach, in addition to a literature review, we used a survey

<sup>1</sup> Doutorando em Geografia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio, [alexdeamico@hotmail.com](mailto:alexdeamico@hotmail.com);

<sup>2</sup> Prof. Dr. orientador da pesquisa de doutoramento, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro [alvaro\\_ferreira@puc-rio.br](mailto:alvaro_ferreira@puc-rio.br)

of artistic and cultural collectives that work for social transformation through art in the area under discussion and interviews with local residents. Finally, it's worth highlighting the potential found in both reality and theory for an urban revolution that has art, culture and "slow men" as its main support.

**Keywords:** Culture, territory, Porto Maravilha, waste, rhythms.

## INTRODUÇÃO

Com a emergência da urbanização a nível planetário (LEFEBVRE, 2002 [1970]), a noção de produção do espaço (LEFEBVRE, 2013 [1974]), emerge como importante categoria de compreensão de uma sociedade cada vez mais urbanizada. É nesse cenário que enxergamos a passagem de uma maior importância do setor industrial para o urbano (quando o modo de produção capitalista verdadeiramente se mundializou, juntamente ao crescimento e difusão da cidade). Nesse processo, com a fragmentação da atividade laboral, o local de moradia (do lugar, do vivido) ganhou grande relevância. Aqui, é onde acreditamos ser possível enxergar com maior nitidez as contradições e as possibilidades não realizadas, os “resíduos”, as “irredutibilidades” (LEFEBVRE, 1991a) que reunidos poderão dar corpo à revolução.

No âmbito desse processo, Carlos (2011) revela um novo modelo de produção do espaço, com certa centralidade na criação de áreas destinadas ao turismo e aos lazeres. Ao iniciarmos a nossa pesquisa no real, pudemos observar tal situação ocorrendo na Zona Portuária do Rio de Janeiro. A Operação Urbana Consorciada (OUC) Porto Maravilha tem na criação desses espaços uma de suas pontas de lança. Nossa hipótese é de que, até o presente momento, em que os primeiros condomínios residenciais<sup>3</sup> ainda estão em construção, a grande sustentação da OUC é o grande complexo turístico e de lazeres criado na área. Nesse processo, o cotidiano dos residentes foi invadido por espaço-temporalidades totalmente distintas daquelas lhes eram características. Falamos de uma aceleração do espaço-tempo em prol da racionalidade capitalista e, assim, o território local passa a ser dominado e não apropriado.

Posto isto, sinalizamos que o nosso objetivo nessa empreitada é o de, através da perspectiva de ritmos espaço-temporais (LEFEBVRE, 2021), compreender como um cotidiano mais “lento” (SANTOS, 2006), dos “homens<sup>4</sup> simples” (MARTINS, 2008) ou

---

<sup>3</sup> A análise inicial dos preços cobrados nas unidades habitacionais indicam que estas serão destinadas a uma parcela da população com renda superior à daqueles que historicamente habitam a área. Para mais sobre o assunto, consulte-se, dentre outros(as), De Amico (2023).

<sup>4</sup> Ainda nesse momento, é importante salientar o seguinte: em todos casos que a palavra “homem” é utilizada nesse artigo a partir de outros autores, como nos casos do homem simples, de Martins (2008), ou dos homens

“ordinários” (CERTEAU, 1998), está sendo duramente invadido por espaço-temporalidades mais “rápidas”, ligadas ao grande capital, e como está sendo travada a resistência a esse processo através da arte e da cultura. Como bem destaca Lefebvre (1991c), arte e ciência devem caminhar juntas na busca pela transformação radical do espaço. Logo, como o cotidiano não é apenas o local da alienação, mas também das resistências, do surgimento das fissuras, dos resíduos e das irredutibilidades (LEFEBVRE, 1991a) propomos levantar e apontar grupos da Zona Portuária que realizam, através da arte e da cultura, oposição à fragmentação do espaço na área. Para tanto, lançamos mão das discussões teórico-metodológicas de autores(as) como Henri Lefebvre, Milton Santos, Ana Fani Alessandri Carlos, José de Souza Martins, Agnes Heller, Odette Seabra etc. Como trilha metodológica, além de uma revisão bibliográfica, nos valemos do levantamento de coletivos artísticos e culturais que atuam em prol da transformação social através da arte na área em debate e entrevistas com residentes locais.

Ressaltamos que, nossa lupa espacial está na Zona Portuária do Rio de Janeiro. Nesse local, desde 2009, uma verdadeira metamorfose ocorre em seu arranjo espacial. Dentre as mais diversas frentes de atuação da OUC Porto Maravilha, chama-nos a atenção aquela destinada a um grande complexo de turismo e lazer. Como ressalta Carlos (2011), a migração de uma maior importância do capital industrial para o financeiro produz um novo espaço a partir de alguns elementos, dentre eles, a produção de áreas destinadas ao turismo e aos lazeres. Desse modo, Carlos (2015) aponta a criação de novos polos empresariais de investimento com forte atração de investimentos públicos e privados. A geógrafa (p. 30) avança e ressalta que tais locais estão associados a “um polo de lazer delimitado/definido pela localização de bares, restaurantes, teatros, shoppings, hotéis, ligados a um consumo organizado, programado, produzido e povoado de signos.” Como decorrência desse processo, prossegue Carlos (2015, p. 30): “(...) o centro também se transforma com os seus conteúdos transbordados onde o uso da cultura, como alibi, move e orienta as transformações.” No Porto Carioca, é possível observar essa dinâmica através da construção de grandes aparelhos culturais, de corredores turísticos, da chegada de bares e restaurantes com preços que destoam dos estabelecimentos mais antigos e das rendas de antigos moradores etc.

Nesse ínterim, com espaço-temporalidades mais voltadas ao (grande) capital, tal realidade choca-se com o cotidiano local. Esse cotidiano, mais “lento” (SANTOS, 2002), com

---

lentos, de Santos (2006), os autores se referiam ao ser humano em geral, homens e mulheres. Dessa forma, passaremos, desde então, a utilizar “ser humano” para todos esses casos.

espaço-temporalidades mais características dos “homens simples” (MARTINS, 2008), dos homens lentos (SANTOS, 2006) ou “ordinários” (CERTEAU, 1998) é invadido por espaço-temporalidades de outros ritmos (LEFEBVRE, 2021), mais ligadas à racionalidade de mercado. Toda essa dinâmica relatada se dá no plano do cotidiano, do dia a dia. Assim, muito nos interessa do cotidiano, sobretudo, a sua “duplicidade”. Desse modo, mesmo com todo o controle e cerceamento impostos à vida cotidiana, existem as “irredutibilidades”, “resíduos”, “fissuras” que fazem com que “o círculo não se feche” (LEFEBVRE, 1991a). Nessa mesma obra, Lefebvre (1991a) discorre acerca de seu engajamento para desvelar o que é o “irredutível”. Para o autor, em um sentido amplo, o irredutível está ligado aos conflitos e às contestações que causam “fissuras” no sistema. A nosso ver, o irredutível seria tudo aquilo que vai contra a racionalidade da sociedade do controle. Também acreditamos que, com isso, a hierarquia do cotidiano (HELLER, 2014) pode ser rompida. Essa hierarquia se refere à relevância social que é dada às atividades tais como trabalho, lazer, vida privada etc. Com a quebra da cotidianidade de controle, a essência humana poderá prevalecer na importância oferecida às diferentes tarefas do cotidiano. Antes de prosseguirmos, cabe, nesse momento, uma ressalva: em Seabra (1996), encontramos uma promissora “união”. A autora, ao trabalhar o pensamento lefebvriano, trata de “resíduos irredutíveis”. Para nós, a proposta tem grande sentido, pois compreendemos a extrema semelhança entre as categorias. Sendo assim, a partir de então, passaremos a tratar as duas esferas dessa maneira, “resíduos irredutíveis”.

Tendo em vista que estamos tratando de um “conflito” de espaço-temporalidades, daquelas de um grande complexo de turismo e lazer mais voltado ao grande capital com as de um cotidiano mais lento (voltadas à apropriação do espaço), trazemos ao longo do texto algumas das irredutibilidades que podem ser vistas através do aporte cultural. Como trata-se de uma pesquisa ainda bastante embrionária, propomos nesse trabalho apenas dar visibilidade à existência desses irredutíveis, pois, segundo Lefebvre (1991c), para a luta pelo direito à cidade (que, posteriormente, Lefebvre [2013] aprofundou a ideia enquanto um direito à produção do espaço) a arte se faz necessária tanto quanto a ciência. Dessa maneira, vemos em projetos artísticos e culturais com um viés *crítico* grande possibilidade de transformação do cotidiano. Ademais, o autor (Lefebvre) identifica a arte como restauradora do sentido da obra, de apropriações, da totalidade. Nessa direção, diz Lefebvre (1991c, p. 115): “Cabe à força social capaz de realizar a sociedade urbana tornar efetiva e eficaz a unidade (a ‘síntese’) da arte, da técnica, do conhecimento”. Ademais, podemos conectar tal resistência àquelas parcela dos ditos seres humanos lentos. Santos (2006) ressalta como a cultura popular dos “de

baixo”, realizada pelos seres humanos lentos, é a chave de resistência para a imposição daquilo que chama de um “totalitarismo da racionalidade”.

No que tange à estrutura do texto, além dessa Introdução e das Considerações Finais, temos duas grandes seções de discussões. Na primeira, logo abaixo, é possível encontrar um breve debate sobre o que é o cotidiano. Além disso, o leitor ou a leitora pode averiguar aquilo que compreendemos como ritmos espaço-temporais e a sua conjuntura no Porto Carioca. Na segunda seção, evidenciamos uma discussão sobre como o território pode servir enquanto uma importante categoria analítica, mas, sobretudo, enquanto grande suporte para a resistência popular. Nesse sentido, tratamos da força dos seres humanos lentos e da possibilidade de resistência através de projetos artísticos culturais críticos realizados na Zona Portuária do Rio de Janeiro.

## **COTIDIANO, RITMOS E ESPAÇO-TEMPORALIDADES NA ZONA PORTUÁRIA DO RIO DE JANEIRO**

Nesse subcapítulo, objetivamos melhor compreender as categorias apontadas em seu título. Para tal, recorreremos às obras de Lefebvre (1991a, b, c, 2008, 2021), Santos (2002, 2006), Carlos (2015), Heller (2014), Martins (2008). Essas(es) autoras(es) nos fornecem grande arsenal teórico-metodológico para realizar a movimentação entre o real, a teoria e, depois, novamente aportar na realidade já melhor embasados. Ademais, evidenciamos uma entrevista com um morador da Zona Portuária em que o residente nos revela a chegada de outros ritmos-espaço temporais em seu cotidiano.

Embora haja dominação, um conteúdo programado, controlado, alienante, um cerceamento das individualidades e coletividades etc é também no cotidiano onde podemos encontrar resistências, fissuras (LEFEBVRE, 1991a), vazios e resíduos (LEFEBVRE, 1991c). Como bem ressalta o filósofo francês Henri Lefebvre (1991a, p. 81), o cotidiano “não é um espaço-tempo abandonado, não é mais o campo deixado à liberdade e à razão ou à bisbilhotice individuais.” Sendo assim, enxergamos como imprescindível uma maior aproximação com essa categoria analítica. Em sua “crítica da vida cotidiana”, Lefebvre (1991b) aponta uma definição sobre a vida cotidiana. Segundo o autor:

A vida cotidiana está profundamente relacionada com todas as atividades, engloba-as com todas as suas diferenças e conflitos; é seu ponto de encontro, seu vínculo, seu terreno comum. E é na vida cotidiana que se forma e se configura a soma total das relações que fazem do ser humano — e de cada ser humano — um todo. Nela se expressam e se realizam aquelas relações que põem em jogo a

totalidade da realidade, embora de uma certa forma sempre parcial e incompleta: amizade, camaradagem, amor, necessidade de comunicar, brincar, etc. (LEFEBVRE, 1991b, p. 91. Tradução livre.)

Por seu turno, Milton Santos (2006), ao discutir a transescalaridade do lugar e os seus novos significados, aponta a importância da consideração do cotidiano e de sua análise. Segundo o geógrafo baiano, o cotidiano tem a capacidade de tratar geograficamente o mundo vivido, sobretudo, naquilo que concerne às discussões centrais levantadas na obra em questão: objetos, ações, técnicas e tempo. Ainda de acordo com Santos (2006), o cotidiano possui a sua dimensão espacial, dimensão esta que ao ser examinada, contribui para a compreensão da relação entre espaço e movimentos sociais<sup>5</sup>.

Assim, é no plano do vivido que a vida cotidiana revela os mais diversos conflitos, tensões e contradições, fazendo com que seja possível desvelar as estratégias e táticas de uma produção do espaço cada vez mais fragmentada (CARLOS, 2015). Nas próprias palavras de Carlos (2015, p. 17): “(...) o lugar permite pensar os atos da vida, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, o que revela, no nível da vida cotidiana, os conflitos do mundo moderno.” Contudo, com ritmos espaço-temporais mais ligados ao grande capital, o plano do vivido vê-se invadido por temporalidades rápidas, temporalidades estas que vão de encontro à totalidade humana. Em Martins (2008), podemos observar uma ótima análise sobre o desdobramento dessa situação:

O vivido torna-se o vivido sem sentido, alienado. Ou melhor, seu sentido se restringe às conexões visíveis dos diferentes momentos do que se faz. Os desdobramentos remotos do que fazemos (ou, ao menos, a suposição dos desdobramentos) já não são acessíveis na significação de cada gesto e cada passo. Estamos aparentemente condenados ao tempo trágico do atual e do imediato, ao tempo da falta de imaginação e da falta de esperança (MARTINS, 2008, p. 71)

Em sua contribuição à temática, para Heller (2014, p. 32), a disposição da vida cotidiana se dá pela “organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação.” Já Lefebvre (2021), em sua “ritmanálise”, propõe o cotidiano enquanto uma categoria que abriga uma série de contradições e conflitos como, por exemplo, o âmago das transformações que, em certos momentos, atravança as rupturas e, em outros, as constrói. Em acordo com Lefebvre (1991a), percebemos como o atual cotidiano, ou melhor, a cotidianidade, é o grande “produto” da forma de organização capitalista da dita modernidade. Com isso, mesmo as ações mais imanentes ao ser humano ficam cerceadas dentro da lógica oriunda daquilo que Lefebvre

---

<sup>5</sup> A temática dos movimentos sociais está dentro daquilo que consideramos como um dos possíveis próximos passos da pesquisa. Para tal, pensamos em nos apoiar, sobretudo, nas discussões realizadas pela socióloga Ana Clara Torres Ribeiro.

chama de “sociedade *burocrática*<sup>6</sup> de consumo dirigido”, uma espécie de colonização da vida cotidiana pelo capital e pelo Estado. Carlos (2015) colabora com a discussão ao trazer como há a invasão da vida cotidiana por uma *tendência* homogeneizadora, que instaura normas e comportamentos nas relações sociais, tornando-as abstratas, colaborando com o rebaixamento da consciência espacial. Nesse cenário, o cotidiano torna-se (ou melhor, atores sociais o tornam) controlado, mesmo que de maneira velada, quase que imperceptível no dia a dia. Nessa direção, Ribeiro (2005) destaca como os “de baixo”<sup>7</sup> foram privados de direitos básicos da vida cotidiana, direitos estes que vêm sendo cada vez mais mercantilizados.

Para Lefebvre (2021), o cotidiano é programado ao criar exigências, horários, repetições... mas, mesmo aquilo que há de mais linear e mais repetitivo, ainda segundo Lefebvre (2021), cria algo novo. É a partir dessa discussão que o filósofo francês introduz a dinâmica dos ritmos no urbano. Com inspirações oriundas do campo musical, Lefebvre (2021) aponta o seguinte acerca dos ritmos:

O ritmo reúne aspectos e elementos quantitativos, que marcam o tempo e daí distinguem os instantes - e elementos ou aspectos qualitativos, que juntam, criam os conjuntos e resultam deles. O ritmo aparece como um tempo regrado, regido por leis racionais, mas em ligação com o menos racional do ser humano: o vivido, o carnal, o corpo. Aos múltiplos ritmos naturais do corpo (respiração, coração, fome e sede etc.) se superpõem, não sem modificá-los, ritmos racionais, numéricos, quantitativos e qualitativos. O conjunto dos ritmos naturais é embrulhado por ritmos com função social ou mental (LEFEBVRE, 2021, p. 59-60).

Nesse ínterim, os ritmos são vistos também naquilo que diz respeito ao urbano. Lefebvre (2021) ressalta que não há ritmo sem repetição, contudo, o autor afirma que as repetições não são absolutas ou idênticas, havendo uma relação dialética entre repetição e diferença. O filósofo trata de apontar que, quando se trata do cotidiano, dos ritos, das festas etc algo de imprevisível oriundo das relações decorrentes tem que ser levado em conta. Os ritmos da modernidade capitalista (ou da pós-modernidade), através de seus atores hegemônicos, tentam a todo custo uma homogeneização do espaço urbano, mas, como sabemos, isto não foi alcançado plenamente. A nosso ver, jamais será, justamente por conta da criação dessas diferenças. Uma visão semelhante pode ser vista em Santos (2006) quando o

---

<sup>6</sup> Cabe ressaltar o seguinte: no momento em que Lefebvre escreveu sobre a temática, o papel do Estado ainda desenhava uma maior atuação direta na organização e controle da estrutura social e administrativa. Assim, cabia perfeitamente a ideia de sociedade *burocrática* de consumo dirigido. Com a ascensão do modelo neoliberal, estamos mais de acordo com aquilo apontado no prefácio da edição brasileira do livro *Ritmanálise* (LEFEBVRE, 2021) quando afirma-se que outras questões além da rotina e do tédio estão à mesa, como a violência associada à militarização, por exemplo. Para uma leitura racializada sobre a militarização do urbano consulte-se, dentre outros(as), Azevedo (2023).

<sup>7</sup> Na próxima seção, abordamos a temática com maior profundidade.

autor discorre sobre um mundo em via de homogeneização, mas que, ao mesmo tempo, está em via de heterogeneização. Em seu subcapítulo intitulado “Um espaço não homogêneo e instável”, Santos (2006, p. 181) chega a afirmar que: “a homogeneização é um mito, sua percepção sendo o resultado de um ‘delírio analítico’ que associa à ideia de revolução espacial a existência de uma indiferença espacial.”<sup>8</sup>

Em uma análise mais sociológica, Martins (1996, p. 22), ao citar Lefebvre, ressalta como “não há reprodução das relações sociais sem uma certa produção de relações, não há repetição sem uma certa inovação.” Para o sociólogo, é justamente dessa tensão que surge a práxis revolucionária. De acordo com Lefebvre (2021), é necessário reconhecer no real aquilo que serve como suporte para o repetitivo e o diferencial. Em suma, a ritmanálise na crítica do cotidiano é uma práxis capaz de revelar a desconstrução de uma unicidade que organiza os fenômenos no espaço e dá ao tempo um caráter linear e constante.

Essa não constância nos ritmos pode ser expressa através da relação dialética (unidade na oposição) de alguns conceitos apresentados por Lefebvre (2021), tais como: repetição e diferença, mecânico e orgânico, descoberta e criação, cíclico e linear, contínuo e descontínuo etc. É a partir dessas tensões que é proposta a ideia de medida. Assim, Lefebvre (2021) defende a existência de um ponto de partida para afirmar que um ritmo só pode ser considerado “lento” ou “rápido” em relação a outros ritmos. Ainda de acordo com Lefebvre (2021), esses diferentes ritmos e temporalidades são capazes de fornecer um campo privilegiado de exame das contradições da vida cotidiana no mundo moderno. Aqui, novamente, enxergamos um interessante diálogo entre as obras de Henri Lefebvre e Milton Santos. Este último, inspirado na obra do historiador Fernand Braudel, propõe o que chamou de “tempos rápidos” e “tempos lentos”. Para Santos (2006, p. 180), a temporalidade, “considerada como uma interpretação particular do tempo social por um grupo, ou por um indivíduo”, varia de acordo com o espaço em questão. Santos (2002) percorre por esse caminho ao salientar que:

O espaço permite que pessoas, instituições e firmas com temporalidades diversas, funcionem na mesma cidade, não de modo harmonioso, mas de modo harmônico. Também atribui a cada indivíduo, a cada classe social, a cada firma, a cada tipo de firma, a cada instituição, a cada tipo de instituição, formas particulares de comando e de uso do tempo, formas particulares de comando e de uso do espaço. Não fosse assim, a cidade não permitiria, como São Paulo permite, a convivência de pessoas pobres com pessoas ricas, de firmas poderosas e firmas fracas, de instituições

---

<sup>8</sup> Em breve, pretendemos nos debruçar sobre a tríade lefebvriana “homogeneização-fragmentação-hierarquização”.

dominantes e de instituições dominadas. Isso é possível porque há um tempo dentro do tempo, quer dizer, o recorte sequencial do tempo; nós temos um outro recorte, que é aquele que aparece como espaço (SANTOS, 2002, n.p).

Dessa maneira, diferentes temporalidades podem conviver no mesmo espaço, como é o caso que vem acontecendo na Zona Portuária do Rio de Janeiro. Essas temporalidades, assim como os “ritmos”, são relativas, ou seja, só são de certa forma, rápidas ou lentas, em relação umas com as outras: “De um lado, o que nós chamamos tempo lento somente o é em relação ao tempo rápido; e vice-versa, tais denominações não sendo absolutas” (SANTOS, 2006, p. 180). Posto isto, sinalizamos que, a partir de então, trataremos sempre de ritmos espaço-temporais no presente artigo.

Dialogando com o exposto até aqui, para Carlos (2015), há um tempo mais lento, que se traduz na reprodução social na vida cotidiana, e outro mais rápido, aquele diretamente ligado às transformações urbanas sob a ótica capitalista. É exatamente essa situação que observamos na realidade da Zona Portuária. Em uma primeira aproximação através da análise do real e da leitura de parte da literatura sobre a temática, acreditamos que essa situação se exacerba quando pensamos nos grandes aparelhos culturais e nos novos estabelecimentos comerciais da área. Com a emergência da OUC e a sua racionalidade mais ligado ao grande capital, o cotidiano dos residentes da Zona Portuária foi atravessado por outros ritmos espaço-temporais, ou seja, tempos mais rápidos do que aqueles que estavam acostumados em seu dia a dia. Essa dinâmica pode ser exemplificada através de uma entrevista não estruturada com um morador do Morro da Conceição<sup>9</sup>, no bairro da Saúde. Durante a conversa, o residente apontou como que, depois da chegada daquilo que chamou de “parte cultural” oriunda das transformações espaciais acarretadas pela OUC, as relações sociais da área mudaram em grande medida. Segundo o morador, é perceptível o conflito e o choque entre pessoas que possuem outras dinâmicas de cidade (que não de lugares periféricos<sup>10</sup>) e os residentes locais. Essas pessoas seriam turistas ou moradores de áreas mais nobres da cidade, como a Zona Sul (porção mais nobre da Capital Fluminense). O residente apontou uma “expansão da Zona Sul na área”. Com efeito, o entrevistado nos revelou como, anteriormente, certas áreas, como o Largo de São Francisco da Prainha, eram mais frequentadas pelos

---

<sup>9</sup> O Morro da Conceição não se configura como uma favela (embora o narcotráfico, mesmo que de forma mais velada, esteja presente no local). Historicamente, a área é a mais valorizada da Zona Portuária. Valorização esta que se acentuou após a reestruturação ocorrida na Praça Mauá (área de maior concentração das intervenções, do maior número de turistas e que fica bem próxima ao Morro).

<sup>10</sup> Embora os bairros estudados fiquem na área central da cidade, até então (ou até o início da OUC), suas dinâmicas se configuram mais como aquilo que a literatura convencionou chamar de zona periférica do centro, um local com dinamismo mais próximo a de bairros pobres do que dos de classe média ou classe alta.

moradores. Contudo, com a chegada de novos bares, com novas estéticas, novos preços e novos frequentadores oriundos de classes mais abastadas, os locais já quase não vão ao espaço. Dessa forma, ainda que de maneira inicial, é possível ter ideia de como o cotidiano local está sendo invadido por outros ritmos espaço-temporais que não aqueles mais lentos, característicos da área.

## **A IMPORTÂNCIA DE ACIONAR A CATEGORIA “TERRITÓRIO” E A FORÇA DOS LENTOS: CULTURA E RESÍDUOS NA POSSIBILIDADE DE RESISTÊNCIA DOS DE BAIXO**

Nesse momento do artigo, lançamos mão do exame de como o território pode ser uma ferramenta de luta em prol da revolução urbana (LEFEBVRE, 2002). Nessa direção, dialogamos, sobretudo, com as ideias de Milton Santos e Henri Lefebvre. Para nós, os dois autores estabelecem pontos de “conversa” como, por exemplo, em território, resíduos irreduzíveis, ritmos, tempos lentos e rápidos, força dos homens lentos etc. Além disso, a filósofa Agnes Heller, o filósofo Guy Debord e os geógrafos Rogério Haesbaert, Ana Fani Alessandri Carlos e Odette Seabra também permeiam a nossa discussão. Por fim, é também nesse momento que apontamos os projetos levantados na área do Porto Carioca que utilizam a arte como ferramenta de transformação social.

De acordo com Carlos (2015), a aceleração do tempo causa uma perda da identidade local a partir das mudanças nas formas, nas funções, nos usos e nos modos de vida. Ao trabalhar a questão da proximidade, Santos (2006) revela como as relações de vizinhança têm a capacidade de produzir laços culturais, afetivos, de solidariedade e, dessa maneira, são capazes de produzir identidade. A situação apresentada por Santos (2006) encontra no território profícuo terreno. Por ora, enxergamos mais um interessante diálogo entre as obras de Milton Santos e Henri Lefebvre. Com a categoria de “território usado”, Santos (1999) identifica as relações e os processos que permitem a elaboração de políticas que não “de cima para baixo”, mas ao contrário. Nas palavras de Santos (1999, p. 19):

Essa idéia de território usado, a meu ver, pode ser mais adequada à noção de um território em mudança, de um território em processo. Se o tomarmos a partir de seu conteúdo, uma forma-conteúdo, o território tem de ser visto como algo que está em processo. E ele é muito importante, ele é o quadro da vida de todos nós, na sua dimensão global, na sua dimensão nacional, nas suas dimensões intermediárias e na sua dimensão local. Por conseguinte, é o território que constitui o traço de união entre o passado e o futuro imediatos. (SANTOS, 1999, p. 19)

É justamente com essa concepção de um território em movimento, com uma práxis, que erguemos a ponte necessária para conectar o exposto com o pensamento lefebvriano. Para Lefebvre (2013), a única forma de causar algum tipo de impacto no Estado é através das forças locais ligadas ao território. Nas próprias palavras de Lefebvre (2013, p. 413):

A única possibilidade de incomodar o Estado centralizado e de introduzir (ou reintroduzir) um certo pluralismo ligado à mudança dos poderes centrais para os poderes locais reside na capacidade de ação por forças locais ou regionais imediatamente vinculadas ao território em questão. (LEFEBVRE, 2013, p. 413)

Nesses trilhos, uma interpretação interessante da temática pode ser vista nos trabalhos do geógrafo Rogério Haesbaert. Haesbaert (2004), por exemplo, aponta a etimologia da palavra território e revela como em seu âmago há questões acerca de “dominação” e “apropriação”. Dessa maneira, Haesbaert (2004) acrescenta o seguinte:

Território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional “poder político”. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação. Lefebvre distingue apropriação de dominação (“possessão”, “propriedade”), o primeiro sendo um processo muito mais simbólico, carregado das marcas do “vivido”, do valor de uso, o segundo mais concreto, funcional e vinculado ao valor de troca. (HAESBAERT, 2004, n.p)

O próprio Lefebvre (1978, p. 210) discorre sobre o sentido de apropriar-se que, “não é ter propriedade, mas fazer o seu trabalho, modelá-lo, formá-lo, colocar sua própria marca.” Prosseguindo na argumentação, Lefebvre (2013) aponta uma questão que nos parece central na pesquisa, pois revela muito da conjuntura atual do porto Carioca: para o autor, o agudo conflito entre valor de uso e de troca dá-se pela fato de o valor de uso implicar a apropriação e não a propriedade ou dominação. Dentro dessa perspectiva, acrescenta Lefebvre (2013, p. 389):

Ora, a apropriação envolve tempo (ou tempos), ritmo (ou ritmos), símbolos e uma prática. Quanto mais funcionalizado é um espaço - quanto mais é dominado pelos "agentes" que o manipulam e o tornam monofuncional - menos ele se presta à apropriação. Porque? Ora, porque se situa fora do tempo vivido, tempo diversificado e complexo vivenciado pelos usuários. (LEFEBVRE, 2013, p. 389. Tradução livre.)

Na esteira dessa discussão, acreditamos na existência de mais um diálogo entre Santos e Lefebvre. Ao diferenciar cultura de massas de cultura popular<sup>11</sup>, Santos (2011, p. 144) evidencia a cultura dos “de baixo” e a sua ligação com o território:

(...)por ser baseada no território, no trabalho e no cotidiano, ganha a força necessária para deformar, ali mesmo, o impacto da cultura de massas. Gente junta cria cultura e, paralelamente, cria uma economia territorializada, uma cultura territorializada, um

---

<sup>11</sup> Em breve, voltaremos com mais calma a esta temática.

discurso territorializado, uma política territorializada. Essa cultura da vizinhança valoriza, ao mesmo tempo, a experiência da escassez e a experiência da convivência e da solidariedade. (SANTOS, 2011, p. 144)

Para Santos (2006, p. 221), “A cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e o seu meio.” Já a cultura de massas, algo semelhante ao que o filósofo situacionista Guy Debord (2003) propõe com a sua “sociedade do espetáculo”, segundo Santos (2011), é produto de um movimento vertical que busca a homogeneização dos espaços. Tal movimento é comandado por aquilo que o autor (p. 143) chama de “um mercado cego, indiferente às heranças e às realidades atuais dos lugares e das sociedades”. Ademais, Santos (2011) salienta como o tal mercado vai impondo aos espaços, com mais ou menos intensidade, a cultura de massas, sendo esta indispensável para o próprio mercado e para a expansão da racionalidade capitalista da atual fase do processo de globalização. Entretanto, para Santos (2011), essa imposição jamais será completa, pois a cultura de massas choca-se com a resistência da cultura preexistente, a cultura popular. Como dito acima, a cultura popular, dos “de baixo”, encontra na apropriação do território um grande poder de articulação. Assim, Santos (2011, p. 144) enfatiza como a cultura popular “exerce a sua qualidade de discurso dos ‘de baixo’, pondo em relevo o cotidiano dos pobres, das minorias, dos excluídos, por meio da exaltação da vida de todos os dias.”

Pensando nos “de baixo”, ou seja, nas classes mais populares, Santos (2006, p. 220) detalha como aquilo que chama de “guetos urbanos”, quando comparados a outras áreas da cidade, “tenderiam a dar às relações de proximidade um conteúdo comunicacional ainda maior e isso se deve a uma percepção mais clara das situações pessoais ou de grupo e à afinidade de destino, afinidade econômica ou cultural.” É a partir desse apontamento que o geógrafo baiano identifica a “força dos homens<sup>12</sup> lentos” e de suas temporalidades. Desse modo, os seres humanos lentos são aqueles e aquelas de baixo, das classes populares, que possuem uma outra relação com o espaço e o território, uma relação mais próxima à essência humana. Neles, segundo Santos (2006), reside a capacidade de resistir à aceleração do espaço-tempo através da ação simbólica. Aceleração essa, como nos recorda Carlos (2015), esfacela as identidades dos lugares onde chega. A retratada dinâmica ganha maior sustentação através das palavras de Santos (2006, p. 220):

Durante séculos, acreditávamos que os homens mais velozes detinham a inteligência do Mundo. A literatura que glorifica a potência incluiu a velocidade como essa força mágica que permitiu à Europa civilizar-se primeiro e empurrar, depois, a “sua”

---

<sup>12</sup> Como já apontado na Introdução do artigo, preferimos utilizar “ser humano”, no lugar de “homem”.

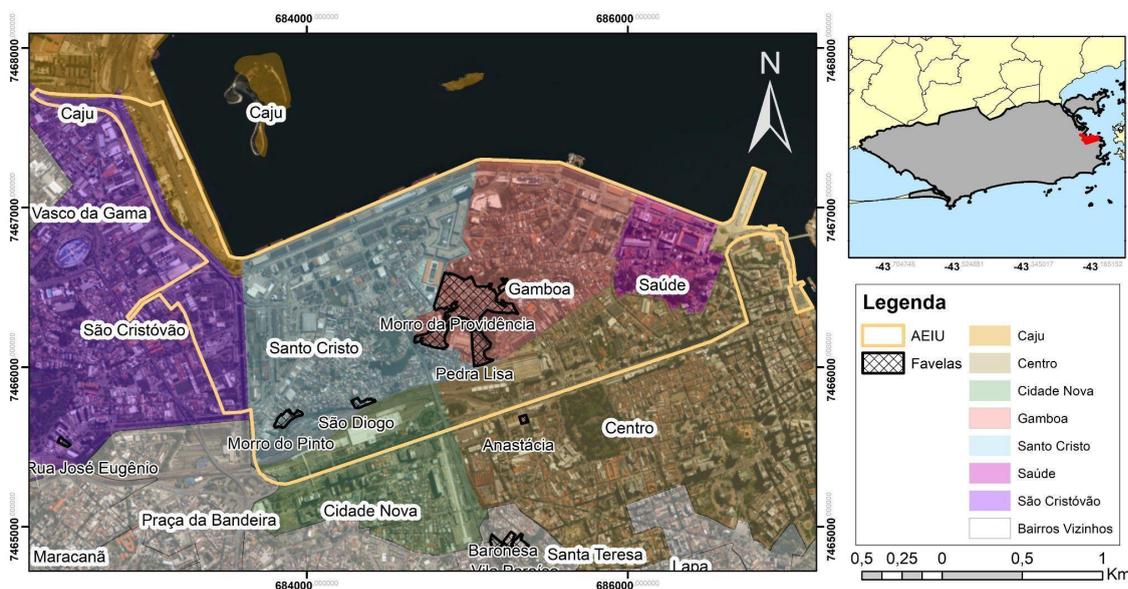
civilização para o resto do mundo. Agora, estamos descobrindo que, nas cidades, o tempo que comanda, ou vai comandar, é o tempo dos homens lentos. Na grande cidade, hoje, o que se dá é tudo ao contrário. A força é dos "lentos" e não dos que detêm a velocidade elogiada por um Virílio em delírio, na esteira de um Valéry sonhador. (SANTOS, 2006, p. 220)

É nesse metiê que podemos tratar dos resíduos e das irredutibilidades. Mesmo com todo o controle e cerceamento impostos à vida cotidiana, existem as “irredutibilidades”, que fazem com que “o círculo não se feche” (LEFEBVRE, 1991a). Na mesma obra, Lefebvre (1991a) discorre acerca de seu engajamento para desvelar o que é o irredutível. Para o autor, em um sentido amplo, o irredutível está ligado aos conflitos e às contestações que causam “fissuras” no sistema. A nosso ver, o irredutível seria tudo aquilo que vai contra a racionalidade da sociedade do controle. Vale ressaltar como Lefebvre enxerga os resíduos. Para o autor (2021), os resíduos escapam à soma das sistematizações, abrindo um número sem fim de possibilidades de resistências.

Como já ressaltado anteriormente, Lefebvre (1991c) compreende que a arte é tão necessária quanto a ciência na luta pelo direito à produção de um outro espaço. Na mesma obra, o filósofo discorre como as forças sociais têm o papel de unir arte, técnica e conhecimento na realização da sociedade urbana. Posto isto, nesse momento, apresentamos algumas iniciativas que dialogam com aquilo que fora até então discutido ao longo do artigo. Anteriormente, como expomos, nosso trabalho trata-se de uma primeira aproximação com essa pesquisa, assim, apenas apontaremos algumas iniciativas que acreditamos dialogar com a nossa base teórico-metodológica. Dessa maneira, trazemos somente um levantamento preliminar realizado nas redes sociais. Na pesquisa feita, catalogamos 12 organizações na Zona Portuária que têm projetos de transformação social através da arte. No corrente trabalho, apontaremos apenas três delas.

Primeiramente, destacamos a Casa Amarela. A Casa está localizada no alto do Morro da Providência, na área central da cidade. Abaixo, o Mapa 1 demonstra a localização do Morro do Providência (que fica dentro da Área de Especial Interesse Urbanístico [AEIU] da OUC).

**Mapa 1 - Área de Especial Interesse Urbanístico (AEIU) do Porto Maravilha e o Morro da Providência em seu perímetro.**



Fonte: elaboração própria.

Em seu sítio eletrônico<sup>13</sup>, a Casa é descrita como um centro de educação, arte e apoio social no Morro da Providência. Além disso, com um destaque nosso, a descrição aponta que, a Casa “Visa colaborar no desenvolvimento humano e **territorial por meio da arte e da cultura**, contribuindo para a possibilidade de diminuir o impacto social causado e mantido pela falta de assistência do estado na favela.” Dentre os diversos projetos da Casa, destacamos os de aulas de música, de dança, de fotografia e a exibição de filmes com temática racial. Outro movimento em que enxergamos grande diálogo e potencial de transformação é o Instituto Efeito Urbano. Segundo sítio eletrônico do projeto<sup>14</sup>, o objetivo é “promover a transformação social de crianças e jovens através da formação artística e cultural.” Dessa maneira, iniciativas semelhantes às da Casa Amarela podem ser encontradas no referido Instituto. Por fim, a terceira iniciativa que evidenciamos é a “Galeria Providência”. Segundo o seu sítio na internet<sup>15</sup>, a Galeria Providência é “Um projeto de intervenções artísticas e ativação cultural no Morro da Providência.” Ainda de acordo com o material, “A partir da pintura de murais de arte urbana, o Morro da Providência é reconhecido também como um lugar para a difusão de diferentes linguagens artísticas, discussões sobre a cidade, troca de saberes e memória. O projeto objetiva o reconhecimento da favela como parte integrante da

<sup>13</sup> Disponível em: <<http://www.canartchangetheworld.net/casaamarela/about-us>>. Acesso em: 17 de julho de 2023.

<sup>14</sup> Disponível em: <<https://www.efeitourbano.org.br/>>. Acesso em: 17 de julho de 2023.

<sup>15</sup> Disponível em: <<https://www.galeriaprovidencia.com.br/>>. Acesso em: 17 de julho de 2023.

cidade, estímulo da economia do local e a melhoria das condições de vida de quem vive no morro.”

A partir do exposto, acreditamos ser possível iniciar um descortinamento do grande potencial do diálogo entre arte e ciência no que se refere à revolução urbana (LEFEBVRE, 2002). Através do movimento real-teoria-real, apresentamos e mergulhamos em discussões e realidades que trazem consigo o potencial revolucionário. Assim, enxergamos um promissor caminho em busca de ações que promovam uma maior equidade espacial.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Novamente, sinalizamos o caráter inicial da pesquisa que dá sustentação ao artigo ora apresentado. Contudo, ainda assim, é possível ressaltar algumas prospecções dos processos estudados. Ao longo dos anos que se estendem desde o início da OUC, os ritmos espaço-temporais voltados ao grande capital têm adentrado fortemente no Porto. Entretanto, com a dita duplicidade do cotidiano, é justamente na cultura dos de baixo, dos seres humanos lentos, onde podemos encontrar frutíferas resistências. Essas vêm sendo empreendidas, dentre diversas áreas, fortemente naquelas relacionadas à arte e à cultura. Assim, podemos afirmar que ainda há muita luta a ser travada.

Outro ponto que nos parece importante é um inicial, mas com grande potencial, diálogo entre as obras do geógrafo brasileiro Milton Santos e do filósofo francês Henri Lefebvre. Mesmo com bases teórico-político-filosóficas distintas, em diversos momentos, os autores parecem “conversar” naquilo que propõem. Dessa forma, pontos como território, ritmos, resíduos irreduzíveis, cultura popular, força dos homens lentos, tempos lentos e rápidos etc nos parecem ter grande potencial para avançar na análise e transformação da realidade.

Como questões que pretendemos aprofundar podemos apontar o “embranquecimento” do local, a questão de gênero e o aumento do preço do metro quadrado, tudo isso dentro de uma perspectiva de avanço de uma “fronteira urbana de acumulação” (SMITH, 2007). Para exemplificar um ponto, na entrevista com o morador do Morro da Conceição, o residente nos apontou que a tal “expansão da Zona Sul” tem acarretado em um “embranquecimento” da área. Até então, empiricamente, isto nos parece ser verdadeiro.

Outrossim, temos como horizonte um maior aprofundamento nos autores trabalhos até então, sobretudo, em Milton Santos e em Henri Lefebvre. Além deles, também queremos nos

aproximar mais das discussões da socióloga Ana Clara Torres Ribeiro, do filósofo Antonio Gramsci, do historiador Michel de Certeau, do filósofo Karl Marx dentre outros(as). Desse modo, assim como nos outros pontos, observamos na realidade e na teoria questões a serem abordadas tais como direito à produção do espaço, metafilosofia, Projeto, ações, alienação, ideologia, fetiche, Comum etc. Com o avançar dos estudos, pretendemos ter melhor nitidez de como esses pontos podem, ou não, nos ajudar na interpretação e produção do espaço portuário carioca.<sup>16</sup>

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, F.T.R. **Entre labirintos e bifurcações: a produção do espaço na área central carioca**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2023.

CARLOS, A.F.A. Da organização à produção do espaço. In: **A condição espacial**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARLOS, A.F.A. **Crise urbana**. São Paulo: Contexto, 2015.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. Petrópolis, Vozes, 3a ed, 1998.

DE AMICO. A.S. Passado, presente, futuro e hiperprecificação do solo urbano na Zona Portuária do Rio de Janeiro. In: **Congresso Latinoamericano de teoria social, IV.**, 2023, Santiago do Chile e Valparaiso. Anais, Santiago: 2023. p. 1-17.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Coletivo Periferia: 2003.

HAESBAERT, R. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre, 2004. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>>. Acesso em: 19 de maio de 2022.

HELLER, A. **O cotidiano e a História**. 10 ed. Rio de Janeiro: paz e terra, 2014.

LEFEBVRE, H. **De lo rural a lo urbano**. Barcelona: Editora Península, 1978.

LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991a.

LEFEBVRE, H. **Critique of everyday life**. Vol. 1. London: Verso, 1991b.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo, 1991c.

LEFEBVRE, H. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

LEFEBVRE, H. **Espaço e política**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

---

<sup>16</sup> Esta pesquisa tem financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.



LEFEBVRE, H. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing Libros, 2013.

LEFEBVRE, H. **Elementos de ritmanálise**: e outros ensaios sobre temporalidade. Rio de Janeiro: Consequência, 2021

MARTINS, J. S. As temporalidades da História na dialética de Lefebvre. In MARTINS, José de Souza (Org.). **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996.

MARTINS, J.S. **A sociabilidade do homem simples**. 2 ed. São Pau-lo: Contexto, 2008.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Sociabilidade, hoje: leitura da experiência urbana. **Caderno CRH**, Salvador, v. 18, n. 45, p. 411-422, set-dez. 2005.

SANTOS, M. O Território e o Saber Local: algumas categorias de análise. SANTOS, Milton. O território e o saber local: algumas categorias de análise. **Cadernos Ippur**, v. 2, p. 15-25, 1999.

SANTOS, M. O tempo nas cidades. **Cienc. Cult.** vol.54 no.2 São Paulo P. 21-22, 2002.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 4. ed. 2006.

SEABRA, O. A insurreição do uso. In MARTINS, José de Souza (Org.). **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SMITH, N. Gentrificação, a Fronteira e a Reestruturação do Espaço Urbano. (Revista Eletrônica) **Espaço e Tempo**. n. 21, P. 15-31. 2007.